doi.org/10.51891/rease.v12i11.32715

CIBERCONDRIA E AUTOMEDICAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA A ATUAÇÃO CLÍNICA DO FARMACÊUTICO E O USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS

CYBERCHONDRIA AND SELF-MEDICATION: IMPLICATIONS FOR THE CLINICAL PRACTICE OF THE PHARMACIST AND THE RATIONAL USE OF MEDICINES

Maria Rita Santos de Araújo[1]
Caroline Santos de Souza[2]

RESUMO: A expansão das tecnologias digitais transformou a busca por informações sobre saúde. A cibercondria caracteriza-se pelo aumento da ansiedade após pesquisas excessivas sobre sintomas, doenças e tratamentos na internet. Embora o acesso digital favoreça a educação em saúde, conteúdos inadequadamente interpretados podem estimular o autodiagnóstico e a automedicação, associada a reações adversas, interações medicamentosas, toxicidade e atraso no atendimento profissional. Este artigo objetivou discutir a relação entre cibercondria, autodiagnóstico e automedicação, destacando as implicações para a atuação farmacêutica e o uso racional de medicamentos. Trata-se de uma revisão bibliográfica qualitativa e exploratória, fundamentada em estudos sobre cibercondria, ansiedade relacionada à saúde, saúde digital e assistência farmacêutica. Os estudos analisados apontam que a cibercondria intensifica preocupações, estabelecendo um ciclo de pesquisas, ansiedade e busca por reasseguramento, além de influenciar decisões sobre medicamentos sem avaliação profissional. Conclui-se que o farmacêutico desempenha papel fundamental na identificação da automedicação, orientação, educação em saúde e prevenção de danos, contribuindo para o uso racional de medicamentos.

Palavras-chave: Cibercondria. Automedicação. Uso racional de medicamentos. Atenção farmacêutica. Autodiagnóstico.

ABSTRACT: The expansion of digital technologies has transformed the search for health information. Cyberchondria is characterized by increased anxiety following excessive online searches for symptoms, diseases, and treatments. Although digital access promotes health education, the inadequate interpretation of online content may encourage self-diagnosis and self-medication, which are associated with adverse reactions, drug interactions, toxicity, and delays in seeking professional care. This article aimed to discuss the relationship between cyberchondria, self-diagnosis, and self-medication, highlighting its implications for pharmaceutical practice and the rational use of medicines. This is a qualitative, exploratory literature review based on studies addressing cyberchondria, health-related anxiety, digital health, and pharmaceutical care. The analyzed studies indicate that cyberchondria intensifies health concerns, establishing a cycle of searching, anxiety, and reassurance-seeking, while also influencing medication-related decisions without professional assessment. It is concluded that pharmacists play a fundamental role in identifying self-medication practices, providing guidance, promoting health education, and preventing harm, thereby contributing to the rational use of medicines.

Keywords: Cyberchondria. Self-medication. Rational use of medicines. Pharmaceutical care. Self-diagnosis.

[1]Estudante do ensino superior - graduação em Farmácia, Faculdade de Ilhéus - Centro de Ensino Superior de Ilhéus (CESUPI).
[2]Orientadora. Professora da Faculdade de Ilhéus - Centro de Ensino Superior de Ilhéus (CESUPI). Biomédica, Mestra em Biologia e Biotecnologia de microrganismos.

INTRODUÇÃO

A internet tornou-se uma importante fonte de informações relacionadas à saúde, permitindo que usuários consultem conteúdos sobre sintomas, doenças, exames e medicamentos antes, durante ou depois do contato com profissionais de saúde. Essa possibilidade pode favorecer a autonomia e a participação no cuidado, mas seus benefícios dependem da capacidade de localizar, compreender e avaliar criticamente as informações encontradas. Jia, Pang e Liu (2021) identificaram que a busca on-line por informações de saúde é influenciada por fatores sociodemográficos e por habilidades de alfabetização, além de apontarem barreiras como baixa confiabilidade, dificuldades de acesso e ausência de mecanismos adequados de verificação das informações. Tan e Goonawardene (2017) também observaram que a busca digital pode interferir na relação entre pacientes e profissionais, embora possa favorecer a participação do paciente nas decisões sobre sua saúde.

Entre os comportamentos associados ao uso de informações de saúde na internet encontra-se a cibercondria. O fenômeno é caracterizado por buscas excessivas ou repetitivas de informações médicas que podem aumentar, em vez de reduzir, a preocupação ou a ansiedade relacionada à saúde. Wang et al. (2024), em revisão sistemática e metanálise de 16 estudos com 4.920 participantes, identificaram associação positiva entre a busca on-line por informações de saúde e a ansiedade relacionada à saúde. Esse resultado reforça a importância de considerar não apenas a frequência das pesquisas, mas também o contexto emocional e a forma como os conteúdos são interpretados.

A literatura recente também indica que a cibercondria não deve ser automaticamente considerada um transtorno psiquiátrico independente. O conceito permanece em desenvolvimento e apresenta relação com diferentes dimensões de ansiedade e comportamentos compulsivos, o que exige cautela na interpretação clínica. Starcevic, Berle e Arnáez (2020) destacam que ainda não há consenso sobre sua classificação e descrevem modelos explicativos relacionados à busca de reasseguramento e a crenças metacognitivas. Os autores também apontam relações com ansiedade relacionada à saúde, uso problemático da internet e sintomas obsessivo-compulsivos.

A relação com a Farmácia torna-se relevante quando a busca digital deixa de ser exclusivamente informativa e passa a influenciar decisões sobre tratamento. O usuário pode interpretar sintomas, construir uma hipótese diagnóstica, pesquisar medicamentos e, posteriormente, decidir pela utilização de determinado produto sem avaliação individualizada.

Tan e Goonawardene (2017) observaram que pacientes frequentemente recorrem à internet como fonte complementar de informação e que essa prática pode modificar a dinâmica da relação com os profissionais de saúde, reforçando a importância do diálogo e da tomada de decisão compartilhada.

No Brasil, a automedicação permanece um comportamento relevante e está inserida em práticas mais amplas de autocuidado. Rotta, Lima e Tonin (2023) destacam que as farmácias comunitárias constituem pontos de acesso importantes para a população e que a automedicação, especialmente com medicamentos isentos de prescrição, exige orientação adequada para que o autocuidado ocorra de forma responsável. Esse cenário evidencia a necessidade de estratégias que conciliem autonomia do usuário, acesso à informação e segurança no uso de medicamentos.

Diante desse cenário, o farmacêutico ocupa posição estratégica por atuar diretamente com medicamentos e por estar frequentemente acessível à população. Sua atuação pode envolver avaliação da necessidade e segurança do medicamento, identificação de problemas relacionados à farmacoterapia, orientação sobre uso adequado, educação em saúde e encaminhamento para outros profissionais quando a demanda ultrapassar suas competências. Al Aqeel et al. (2018) apontam que intervenções educativas, materiais de apoio e estratégias de acompanhamento podem contribuir para aprimorar o aconselhamento realizado por farmacêuticos comunitários.

Assim, este estudo teve como objetivo analisar, com base na literatura científica publicada nos últimos dez anos, a relação entre cibercondria, autodiagnóstico e automedicação, discutindo suas implicações para a atuação clínica do farmacêutico e para a promoção do uso racional de medicamentos.

REFERENCIAL TEORICO

Cibercondria e busca de informações em saúde

A cibercondria é compreendida na literatura contemporânea como um comportamento de busca excessiva ou repetitiva de informações de saúde pela internet, frequentemente acompanhado por aumento de ansiedade ou sofrimento. McMullan et al. (2019), em revisão sistemática e metanálise com 20 estudos e 7.373 participantes, identificaram correlação positiva entre ansiedade relacionada à saúde e busca de informações on-line (r=0,34), e associação mais forte entre ansiedade relacionada à saúde e cibercondria (r=0,62).

Vismara et al. (2020), em revisão sistemática de 61 artigos, observaram que a literatura descrevia a cibercondria principalmente como comportamento excessivo, compulsivo ou repetitivo, muitas vezes relacionado à busca de reasseguramento e ao agravamento da ansiedade. Schenkel et al. (2021), por sua vez, analisaram 25 estudos qualitativamente e sete quantitativamente, encontrando forte associação entre cibercondria e ansiedade relacionada à saúde (r=0,63). Esses resultados sustentam a compreensão da cibercondria como um fenômeno multidimensional, e não simplesmente como o ato de pesquisar sintomas na internet.

Autodiagnóstico e interpretação das informações digitais

O acesso a informações digitais pode favorecer maior participação do indivíduo no cuidado, mas também pode levar à interpretação de conteúdos gerais como se fossem avaliações clínicas individualizadas. Farnood, Johnston e Mair (2020), em revisão sistemática de 25 estudos, observaram que pacientes utilizam informações on-line como complemento ao contato com profissionais, mas o autodiagnóstico digital pode alterar expectativas e relações de autoridade no cuidado.

A qualidade da interpretação das informações está relacionada à alfabetização em saúde digital. Estrela et al. (2023), em revisão sistemática e metanálise de 36 estudos, identificaram associação de maior alfabetização em saúde digital com maior escolaridade, renda e suporte social, além de efeito negativo da idade em determinados contextos. Yuen et al. (2024), em revisão rápida de 36 artigos, destacaram que maior alfabetização digital esteve frequentemente associada ao uso de recursos digitais de saúde e, em parte dos estudos, a melhores comportamentos e resultados em saúde.

Automedicação uso racional de medicamentos

A automedicação envolve o uso de medicamentos sem a avaliação ou orientação profissional adequada. No Brasil, Arrais et al. (2016) identificaram prevalência de 16,1% na população estudada, sendo os analgésicos e relaxantes musculares grupos frequentemente utilizados. Pons et al. (2017), analisando dados da PNAUM, encontraram prevalência de 18,3% e evidenciaram a influência de experiências anteriores e da disponibilidade de medicamentos no domicílio.

A automedicação pode produzir riscos relacionados a dose inadequada, contraindicações, interações, duplicidades, reações adversas e atraso na procura por

atendimento. Tiguman, Silva e Galvão (2020) observaram, especificamente, aumento da automedicação com antibióticos em adultos de Manaus, indicando que o problema também envolve medicamentos que exigem maior controle e acompanhamento.

No contexto da Farmácia, o aconselhamento sobre medicamentos não sujeitos a prescrição constitui importante oportunidade de intervenção. Akgün et al. (2018) demonstraram que a prática de aconselhamento farmacêutico envolve responsabilidades profissionais relacionadas ao autocuidado, à seleção segura de medicamentos e à educação do paciente. Portanto, o uso racional depende não apenas da disponibilidade de informação, mas da qualidade da informação e da sua aplicação a uma situação clínica individual.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como revisão bibliográfica de abordagem qualitativa e caráter exploratório, com delimitação temática para a interface entre cibercondria, busca de informações de saúde na internet, autodiagnóstico, automedicação, alfabetização em saúde digital e atuação farmacêutica.

A busca bibliográfica foi delimitada ao período de 1º de janeiro de 2016 a 27 de outubro de 2026 e realizada nas bases PubMed/MEDLINE, SciELO e ScienceDirect. Em cada base, foram pesquisadas combinações dos descritores em inglês, com adaptação da sintaxe aos recursos de cada plataforma: (cyberchondria OR “online health information seeking”) AND (“health anxiety” OR “self-diagnosis”); e (“self-medication” OR “rational use of medicines”) AND (pharmacist OR “digital health literacy”). Na PubMed/MEDLINE, os termos foram aplicados aos campos de título/resumo e combinados com os filtros de data (2016–2026), idioma inglês e tipo de publicação artigo de pesquisa. Na SciELO, os termos foram pesquisados em todos os índices disponíveis, com filtros de ano (2016–2026), idioma inglês e tipo de documento artigo de pesquisa. Na ScienceDirect, os termos foram pesquisados em título, resumo e palavras-chave, com intervalo de publicação de 2016–2026 e idioma inglês. Os descritores utilizados foram: “cyberchondria”, “health anxiety”, “online health information seeking”, “self-diagnosis”, “self-medication”, “digital health literacy”, “rational use of medicines” e “pharmacist”. As expressões foram combinadas com os operadores booleanos AND e OR, conforme as estratégias descritas acima.

Foram incluídos artigos originais e revisões publicados em inglês, com texto completo disponível e relação direta com pelo menos um dos seguintes eixos: definição e características

da cibercondria; relação entre cibercondria e ansiedade relacionada à saúde; busca e interpretação de informações de saúde on-line; autodiagnóstico digital; automedicação; alfabetização em saúde digital; ou atuação farmacêutica relacionada à segurança e ao uso racional de medicamentos.

Foram excluídos registros duplicados; publicações em outros idiomas; trabalhos anteriores a 2016; textos sem relação direta com o problema de pesquisa; editoriais, opiniões sem base científica, páginas comerciais e materiais jornalísticos; além de artigos cujo texto completo não estivesse disponível ou que, após leitura integral, não apresentassem resultados pertinentes aos objetivos do estudo.

Inicialmente, foram identificados 42 artigos científicos nas bases consultadas. Em seguida, os estudos passaram por um processo de análise e seleção, considerando a pertinência em relação ao tema proposto e a adequação aos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos.

Na primeira etapa, foi realizada a leitura dos títulos e resumos dos artigos, buscando identificar aqueles que apresentavam relação direta com a questão norteadora da pesquisa. Posteriormente, os estudos considerados potencialmente relevantes foram selecionados para leitura na íntegra, permitindo uma avaliação mais detalhada de seus objetivos, metodologias e principais resultados. Durante esse processo, foram excluídos os trabalhos que não atendiam aos critérios estabelecidos ou que não apresentavam contribuições significativas para a discussão da temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as etapas de identificação, triagem e avaliação de elegibilidade, 14 artigos científicos foram selecionados para compor a amostra final desta pesquisa. Esses estudos foram considerados pertinentes aos objetivos propostos e constituíram a base da síntese narrativa, sendo organizados no Quadro 1, que apresenta suas principais características e contribuições para o desenvolvimento da discussão dos resultados.

Para cada artigo incluído, foram extraídos autor e ano, desenho do estudo, população ou conjunto de estudos analisados, tema principal e achados relacionados ao objetivo desta pesquisa. Os resultados foram agrupados em quatro categorias: cibercondria e ansiedade; autodiagnóstico e informação digital; automedicação e riscos relacionados aos medicamentos; e atuação do farmacêutico e alfabetização em saúde digital. Como síntese narrativa, a análise comparou convergências, diferenças e limitações dos estudos.

Quadro 1 – Caracterização dos estudos elegíveis para a revisão

Estudo	Desenho / corpus	Principal foco	Achado relacionado ao tema
Arrais et al. (2016)	Estudo populacional – PNAUM	Automedicação no Brasil	Prevalência de 16,1%; predominância de medicamentos não sujeitos a prescrição.
Pons et al. (2017)	Estudo populacional – PNAUM	Fatores associados à automedicação	Prevalência de 18,3%; experiências anteriores e disponibilidade domiciliar influenciaram a prática.
Akgün et al. (2018)	Estudo qualitativo com farmacêuticos	Aconselhamento na automedicação	Destaca responsabilidades do farmacêutico no autocuidado e aconselhamento de medicamentos não sujeitos a prescrição.
McMullan et al. (2019)	Revisão sistemática e metanálise; 20 estudos/7.373 participantes	Cibercondria e ansiedade	Associação positiva entre ansiedade relacionada à saúde, busca on-line e cibercondria.
Vismara et al. (2020)	Revisão sistemática; 61 artigos	Conceito e mecanismos da cibercondria	Cibercondria associada a busca excessiva, ansiedade, compulsividade e busca de reasseguramento.
Farnood et al. (2020)	Revisão sistemática de métodos mistos; 25 estudos	Autodiagnóstico on-line	Internet utilizada como complemento, mas pode alterar expectativas e relação com profissionais.
Tiguman et al. (2020)	Dois estudos transversais em Manaus	Automedicação de antibióticos	Automedicação com antibióticos aumentou de 19,2% para 30,7% entre 2015 e 2019.
Zheng et al. (2023)	Painel de três ondas	Fontes digitais e cibercondria	Sobrecarga informacional e confiança nas informações estiveram positivamente relacionadas à cibercondria.
Estrela et al. (2023)	Revisão sistemática e metanálise; 36 estudos	Alfabetização em saúde digital	Escolaridade, renda e suporte social associaram-se a níveis mais elevados de alfabetização digital.
Yuen et al. (2024)	Rapid review; 36 artigos	Alfabetização em saúde digital	Maior alfabetização digital esteve associada, em parte dos estudos, ao melhor uso de recursos e resultados em saúde.
Hsu (2024)	Estudo psicométrico; 145 + 802 participantes	Avaliação da cibercondria	Desenvolvimento de escala para mensuração da gravidade da cibercondria em universitários.
Schenkel et al. (2021)	Revisão sistemática e metanálise; 25 qualitativos/7 quantitativos	Cibercondria e espectro da ansiedade	Forte associação com ansiedade relacionada à saúde e relação com sintomas obsessivo-compulsivos.
Luo et al. (2026)	Estudo longitudinal em dois momentos; 400 participantes	Cibercondria e automedicação	Sobrecarga e confiança on-line intensificaram cibercondria; o fenômeno esteve relacionado a maior automedicação e menor adesão.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Os estudos selecionados mostram que a cibercondria é tratada na literatura recente como um comportamento caracterizado por buscas excessivas ou repetitivas de informações de saúde na internet, acompanhado por aumento de preocupação, ansiedade ou sofrimento. McMullan et al. (2019) encontraram associação positiva entre ansiedade relacionada à saúde e busca de informações on-line e uma associação mais forte entre ansiedade relacionada à saúde e cibercondria. O resultado reforça que a frequência da busca, isoladamente, não define o fenômeno; sua relação com ansiedade e sofrimento é elemento importante.

Vismara et al. (2020) analisaram 61 artigos e identificaram que os estudos descreviam a cibercondria principalmente pela combinação de uso da internet, aumento da ansiedade e comportamento compulsivo ou repetitivo. A busca de reasseguramento também apareceu como característica recorrente. Schenkel et al. (2021) encontraram forte associação entre cibercondria e ansiedade relacionada à saúde, além de relações com sintomas obsessivo-compulsivos, intolerância à incerteza e sensibilidade à ansiedade.

Zheng et al. (2023) acrescentaram a influência das características das fontes digitais. Em estudo com desenho de painel, observaram que o uso de mecanismos de busca pode aumentar a sobrecarga informacional, enquanto redes sociais e sites específicos de saúde podem aumentar a confiança percebida nas informações. Tanto a sobrecarga quanto a confiança esteve positivamente relacionada à cibercondria.

Hsu (2024) desenvolveu e avaliou uma escala de gravidade da cibercondria em universitários, utilizando análise fatorial exploratória e confirmatória. O estudo demonstra que o fenômeno pode ser operacionalizado e mensurado por instrumentos específicos, reforçando sua relevância como objeto de investigação, embora ainda não exista consenso para classificá-lo como transtorno psiquiátrico independente.

Duradoni et al. (2026), em revisão sistemática de 47 estudos, identificaram que sintomas obsessivo-compulsivos, sintomas depressivos, ansiedade geral, sensibilidade à ansiedade e intolerância à incerteza figuram entre os fatores mais consistentemente associados à cibercondria. A revisão também relacionou o fenômeno a pior qualidade de vida e uso problemático da internet, ressaltando que a heterogeneidade e as limitações metodológicas ainda exigem cautela na interpretação dos resultados.

No campo do autodiagnóstico, Farnood, Johnston e Mair (2020) sintetizaram 25 estudos e identificaram que a busca on-line pode funcionar como fonte complementar de informação, mas também pode produzir conflitos de expectativas e mudanças na relação entre paciente e

profissional. O achado é particularmente relevante para a Farmácia quando a informação encontrada passa a orientar a escolha ou modificação de medicamentos.

Em relação à automedicação, Arrais et al. (2016) identificaram prevalência de 16,1% na população brasileira analisada, com maior participação de medicamentos não sujeitos a prescrição. Pons et al. (2017), utilizando dados da PNAUM, encontraram prevalência de 18,3% e demonstraram que experiências anteriores com medicamentos e sua disponibilidade no domicílio estavam entre os fatores associados à prática.

Tiguman, Silva e Galvão (2020) observaram aumento da automedicação com antibióticos entre adultos de Manaus: de 19,2% em 2015 para 30,7% em 2019 entre os usuários de antibióticos avaliados. O estudo demonstra que a automedicação não se limita a medicamentos de baixo risco e pode envolver classes terapêuticas cujo uso inadequado possui implicações importantes para a segurança do paciente e para a saúde pública.

Quanto à atuação farmacêutica, Akgün et al. (2018) evidenciaram que o aconselhamento sobre medicamentos não sujeitos a prescrição envolve responsabilidades profissionais relacionadas ao autocuidado e à orientação do paciente. Em conjunto com os estudos brasileiros sobre automedicação, esses resultados sustentam a importância da intervenção farmacêutica na identificação de situações de uso inadequado e na promoção de escolhas mais seguras.

Estrela et al. (2023) demonstraram, em 36 estudos, que a alfabetização em saúde digital apresenta relação com fatores sociodemográficos, enquanto Yuen et al. (2024), também com 36 artigos, encontraram associação entre maior alfabetização digital e uso de recursos digitais de saúde em parte da literatura. Esses estudos indicam que orientar o paciente sobre como avaliar fontes digitais é componente complementar à orientação farmacêutica sobre medicamentos.

Finalmente, Luo et al. (2026), em estudo longitudinal com 400 participantes, encontraram evidências de que percepção de risco, confiança nas informações on-line e sobrecarga informacional podem intensificar a cibercondria. O estudo também identificou associação entre o fenômeno, fadiga informacional, aumento da automedicação e menor adesão à terapia, enquanto a confiança em médicos apresentou efeito protetor. Este é o estudo mais diretamente relacionado ao eixo cibercondria–automedicação do corpus selecionado.

Os resultados convergem para a compreensão da cibercondria como um comportamento relacionado à forma de utilização da informação digital, e não simplesmente à quantidade de pesquisas realizadas. McMullan et al. (2019) demonstraram associação entre ansiedade relacionada à saúde e cibercondria, enquanto (Vismara et al. 2020) e (Schenkel et al. 2021)

destacaram características compulsivas, busca de reasseguramento e relações com diferentes dimensões da ansiedade. A convergência desses estudos indica que o componente central do problema está na interação entre busca digital, interpretação das informações e resposta emocional.

Os achados de Zheng et al. (2023) ampliam essa interpretação ao demonstrar que o ambiente informacional também importa. Sobrecarga de conteúdo, confiança excessiva em fontes digitais e circulação de informações de saúde nas redes sociais podem contribuir para a manutenção do comportamento. Assim, a qualidade e a confiabilidade da informação devem ser consideradas junto à frequência das buscas.

A relação entre cibercondria e autodiagnóstico também encontra suporte nos resultados de Farnood, Johnston e Mair (2020). O paciente pode utilizar a internet como ferramenta de preparação para uma consulta, o que pode ser positivo, mas o processo se torna problemático quando hipóteses construídas a partir de conteúdos gerais passam a ser tratadas como diagnósticos confirmados. Para a Farmácia, essa mudança é importante porque uma hipótese diagnóstica não validada pode conduzir à solicitação ou utilização de medicamentos inadequados.

Os estudos brasileiros sobre automedicação demonstram que o problema já possui magnitude própria, independentemente da cibercondria. Arrais et al. (2016) e Pons et al. (2017) evidenciaram a frequência da prática e a influência de experiências anteriores e da disponibilidade domiciliar. Tiguman, Silva e Galvão (2020) demonstraram ainda que a automedicação pode envolver antibióticos. Portanto, não é adequado afirmar que a cibercondria causa automedicação em todos os indivíduos; a literatura disponível sustenta uma relação possível e, mais recentemente, evidências longitudinais de associação mais direta foram apresentadas por (Luo et al. 2026).

Essa distinção é metodologicamente importante. Os estudos sobre cibercondria são majoritariamente observacionais e muitos utilizam medidas de autorrelato, o que limita inferências causais (Vismara et al., 2020; Schenkel et al., 2021). Dessa forma, a cibercondria deve ser discutida como possível fator comportamental associado à automedicação, e não como causa isolada ou determinística.

A alfabetização em saúde digital surge como elemento potencialmente protetor. Estrela et al. (2023) e (Yuen et al. 2024) mostram que a capacidade de localizar, avaliar e utilizar informações digitais adequadamente é influenciada por características individuais e sociais.

Isso sugere que simplesmente recomendar ao paciente que não pesquise na internet é insuficiente. A intervenção mais adequada é favorecer o uso crítico das informações, orientar sobre fontes confiáveis e reforçar que conteúdos gerais não substituem avaliação profissional.

No âmbito farmacêutico, a combinação desses achados reforça a necessidade de uma abordagem centrada no paciente. O farmacêutico pode investigar a origem da informação que motivou a procura pelo medicamento, verificar o produto pretendido, avaliar possíveis contraindicações e interações, identificar duplicidades e orientar sobre uso adequado. Akgün et al. (2018) reforçam a importância do aconselhamento farmacêutico no contexto da automedicação, enquanto os estudos sobre alfabetização digital sustentam a ampliação dessa orientação para a qualidade das fontes consultadas.

Outro ponto relevante é o limite da atuação profissional. O farmacêutico não deve diagnosticar transtornos psiquiátricos nem confirmar cibercondria com base apenas no comportamento de pesquisa. Sua atuação deve concentrar-se na segurança da farmacoterapia, na educação em saúde, no uso racional de medicamentos e no encaminhamento para avaliação médica ou psicológica quando houver sinais de sofrimento ou demanda que ultrapasse suas competências.

Portanto, a principal contribuição da Farmácia diante da cibercondria não consiste em controlar o acesso do paciente à internet, mas em reduzir os danos que podem surgir quando informações digitais são transformadas em decisões farmacoterapêuticas sem avaliação individualizada. A educação em saúde digital, associada à consulta farmacêutica, pode transformar a busca on-line em oportunidade de diálogo e prevenção de problemas relacionados a medicamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura científica publicada nos últimos dez anos demonstra que a cibercondria está relacionada ao uso excessivo ou repetitivo de informações de saúde na internet e apresenta associação consistente com ansiedade relacionada à saúde. Os estudos também indicam que sobrecarga informacional, confiança em conteúdos digitais e dificuldades para avaliar criticamente as fontes podem favorecer a manutenção desse comportamento.

Embora a literatura não permita afirmar que todas as pessoas com características de cibercondria pratiquem automedicação, estudos recentes apontam uma interface relevante entre busca digital, autodiagnóstico e decisões sobre medicamentos. No Brasil, a automedicação

permanece frequente, reforçando a necessidade de estratégias de educação e segurança no uso de medicamentos.

Nesse cenário, o farmacêutico apresenta papel estratégico na prevenção de danos relacionados à automedicação, por meio da avaliação individualizada da farmacoterapia, identificação de riscos, orientação sobre uso adequado, educação em saúde digital e encaminhamento quando necessário. A atuação deve ser técnica, ética e centrada na segurança do paciente, sem substituir as competências de outros profissionais.

Como limitação, destaca-se a heterogeneidade dos estudos sobre cibercondria, a predominância de delineamentos observacionais e a ausência de consenso sobre sua classificação clínica. Além disso, a relação específica entre cibercondria e automedicação ainda possui literatura limitada, sendo recomendados estudos longitudinais e pesquisas desenvolvidas no contexto farmacêutico. Ainda assim, os achados disponíveis justificam a inclusão da temática na discussão sobre uso racional de medicamentos e cuidado farmacêutico na era digital.

REFERÊNCIAS

AKGÜN, S. et al. Self-medication and non-prescription drug counseling: illustrating profession uncertainty within Turkish pharmacy practice. **Research in Social and Administrative Pharmacy, v. 14, n. 8, p. 718-726, 2018. DOI: 10.1016/j.sapharm.2017.09.006.**

AL AQEEL, S. et al. Interventions for improving pharmacist-led patient counselling in the community setting: a systematic review. **Systematic Reviews,** v. 7, art. 71, 2018. DOI: 10.1186/s13643-018-0727-4.

ARRAIS, P. S. D. et al. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. **Revista de Saúde Pública, v. 50, supl. 2, 13s, 2016. DOI: 10.1590/S1518-8787.2016050006117.**

DURADONI, M.; COLOMBINI, G.; NATALI, E.; GUAZZINI, A. **Cyberchondria in the post-pandemic era (2020–2024): a systematic review of antecedents, outcomes, and an updated definition. Advances in Public Health, 2026, 8700490. DOI: 10.1155/adph/8700490.**

ESTRELA, M. et al. **Sociodemographic determinants of digital health literacy: a systematic review and meta-analysis. International Journal of Medical Informatics, v. 177, 105124, 2023. DOI: 10.1016/j.ijmedinf.2023.105124.**

FARNOOD, A.; JOHNSTON, B.; MAIR, F. S. **A mixed methods systematic review of the effects of patient online self-diagnosing in the "smart-phone society" on the healthcare professional-patient relationship and medical authority. BMC Medical Informatics and Decision Making, v. 20, 253, 2020. DOI: 10.1186/s12911-020-01243-6.**

HSU, W. C. **Developing a cyberchondria severity scale to promote self-care among university students during COVID-19. Scientific Reports, v. 14, 23683, 2024. DOI: 10.1038/s41598-024-74829-z.**

JIA, X.; PANG, Y.; LIU, L. S. Online health information seeking behavior: a systematic review. **Healthcare,** v. 9, n. 12, 1740, 2021. DOI: 10.3390/healthcare9121740.

LUO, X.; CHANG, J. Y.-S.; CHEAH, J.-H.; LIM, W. M.; LIM, X.-J. **Health anxiety and information-seeking in the digital age: a two-wave study of cyberchondria. Internet Research, p. 1-26, 2026. DOI: 10.1108/INTR-09-2024-1337.**

MCMULLAN, R. D.; BERLE, D.; ARNÁEZ, S.; STARCEVIC, V. **The relationships between health anxiety, online health information seeking, and cyberchondria: systematic review and meta-analysis. Journal of Affective Disorders, v. 245, p. 270-278, 2019. DOI: 10.1016/j.jad.2018.11.037.**

PONS, E. S. et al. **Predisposing factors to the practice of self-medication in Brazil: results from the National Survey on Access, Use and Promotion of Rational Use of Medicines (PNAUM). PLOS ONE, v. 12, n. 12, e0189098, 2017. DOI: 10.1371/journal.pone.0189098.**

ROTTA, I.; LIMA, T.; TONIN, F. S. **Role of community pharmacy and pharmacists in self-care in Brazil. Exploratory Research in Clinical and Social Pharmacy,** v. 10, 100274, 2023. DOI: 10.1016/j.rcsop.2023.100274.

SCHENKEL, S. K.; JUNGMANN, S. M.; GROPALIS, M.; WITTHÖFT, M. **Conceptualizations of cyberchondria and relations to the anxiety spectrum: systematic review and meta-analysis. Journal of Medical Internet Research, v. 23, n. 11, e27835, 2021. DOI: 10.2196/27835.**

STARCEVIC, V.; BERLE, D.; ARNÁEZ, S. Recent insights into cyberchondria. **Current Psychiatry Reports,** v. 22, art. 56, 2020. DOI: 10.1007/s11920-020-01179-8.

TAN, S. S.-L.; GOONAWARDENE, N. Internet health information seeking and the patient-physician relationship: a systematic review. **Journal of Medical Internet Research**, v. 19, n. 1, e9, 2017. DOI: 10.2196/jmir.5729.

TIGUMAN, G. M. B.; SILVA, M. T.; GALVÃO, T. F. **Use and self-medication with antibiotics among adults in the Brazilian Amazon: a panel of two cross-sectional studies, 2015 and 2019. Expert Review of Anti-infective Therapy, v. 18, n. 12, p. 1263-1270, 2020. DOI: 10.1080/14787210.2020.1798228.**

VISMARA, M. et al. **Is cyberchondria a new transdiagnostic digital compulsive syndrome? A systematic review of the evidence. Comprehensive Psychiatry, v. 99, 152167, 2020. DOI: 10.1016/j.comppsych.2020.152167.**

WANG, Z. et al. Is there a relationship between online health information seeking and health anxiety? A systematic review and meta-analysis. **Health Communication**, v. 39, n. 12, p. 2524-2538, 2024. DOI: 10.1080/10410236.2023.2275921.

YUEN, E. et al. **Digital health literacy and its association with sociodemographic characteristics, health resource use, and health outcomes: rapid review. Interactive Journal of Medical Research, v. 13, e46888, 2024. DOI: 10.2196/46888.**

ZHENG, H.; CHEN, X.; JIANG, S.; SUN, L. **How does health information seeking from different online sources trigger cyberchondria? The roles of online information overload and information trust. Information Processing & Management, v. 60, n. 4, 103364, 2023. DOI: 10.1016/j.ipm.2023.103364.**